

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC
LIVROS

Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“A internet fez de nós jornalistas livres, e isso só mostra que é preciso atualizar o software do diálogo do jornalismo. Já nas escolas, já na academia.”

PRISCILA GAMA

Ações afirmativas contra o racismo

Viviane Ramos Machado¹

Priscila Gama é ativista social, blogueira e presidente do Instituto Das Pretas.Org. A organização, fundada em Vitória (ES), é a primeira de economia mista criativa, 100% afrocentrada e de protagonismo negro do Brasil. No comando do instituto, Priscila promove ações voltadas para o empreendedorismo, consumo negro, estética, autoestima, cultura e educação. Trata-se de uma startup com projetos em ações afirmativas contra o racismo no Espírito Santo. Através do instituto são realizados workshops, grupos de estudo e discussão sobre a temática, e instruções sobre como empreender. Priscila começou sua militância após sofrer atos de racismo e sexismo e ao perceber a falta de visibilidade das mulheres negras na mídia. No ano de 2015, o Das Pretas.Org promoveu a primeira edição do “Encontro das Pretas”, considerado o maior evento afrocentrado do Espírito Santo e um dos maiores do país.

¹ Jornalista, formada pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e mestranda em Comunicação e Territorialidades na mesma universidade. A pesquisa que desenvolve busca entender a abordagem do jornal A Gazeta, de expressiva influência no Espírito Santo, sobre o movimento feminista, entre os anos de 1986 e 2016. E-mail: vivianermachado@gmail.com

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

Os movimentos sociais foram obrigados a mudar o seu caráter, a sua formulação. O ativismo social existe há muitos anos, mas acredito que as redes sociais o ajudaram a chegar onde ele não chegava antes. A tomada de consciência pela troca de informações tem tornado o ativismo social mais forte, mais contundente. Em tempos dessa crise absurda em que vivemos, de descrença política, descrença no futuro, o ativismo social vem como uma válvula de escape e de esperança. Eu acredito que as pessoas se envolvam nos movimentos sociais com a esperança de que as coisas possam dar certo, possam mudar para melhor. Um exemplo que tenho visto em relação a essa mudança de comportamento está no movimento das mulheres. Apesar de nós, mulheres negras, não sermos contempladas dentro do feminismo, vemos um diálogo hoje que antigamente não era feito da mesma forma. Por todos esses fatores que mencionei. As redes sociais estão sendo usadas de forma correta pelo ativismo social para chegar onde deve chegar. Muito embora haja muita inclusão a ser feita, está muito melhor do que antes.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

Observo que o ativista social no Brasil é tratado como um baderneiro. Mas ele não é um baderneiro, não gosto dessa generalização. Às vezes, quando você diz que pertence a algum movimento social, imediatamente relacionam a figura do ativista a um partido, já que tem um quadro pintado. Acredito que o jornalismo está muito despreparado para entender a grandiosidade que é um discurso de ativismo social. Parece-me muito fácil para o jornalista falar que existe certo movimento, mas sem se aprofundar, sem saber os porquês e as consequências disso. Aqui no Das Pretas, estamos tentando ter um contato mais positivo com a imprensa, mas notamos que tendem a ser sensacionalistas e, normalmente, o sensacionalismo não é positivo. Os movimentos sociais só geram notícias quando alguém morre ou é preso. O jornalista, em geral, está mais ligado ao factóide do que às pautas do movimento. Temos o caso do Rafael Braga² para provar para nós que o jornalismo não está interessado nos motivos e nos porquês. Só noticia a baderna. Até agora não vi nenhum veículo falando porque mulheres fazem vigília para o Rafael Braga ou o porquê de ter acontecido com ele o que aconteceu.

² Rafael Braga é um ex-morador de rua e ficou conhecido ao ser preso com uma garrafa de desinfetante durante um protesto em junho de 2013. Em 2015, teve direito a prisão domiciliar, mas foi preso em flagrante novamente em 2016, portando 0,6 g de maconha, 9,3 g de cocaína e um rojão. Braga foi condenado a 11 anos de prisão por tráfico de drogas. A defesa alega que o material não pertencia a ele e que o flagrante foi forjado por policiais da UPP Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

No Brasil, o estereótipo é de que os movimentos sociais estão ligados à esquerda do país. O Brasil é um país muito louco quanto a isso. As pessoas não entendem que o ativismo social trabalha para o bem das pessoas, de uma forma geral. É muito raro, no Brasil, ver pessoas se envolverem em movimentos sociais apartidários. Então, por isso, acaba se tachando dessa maneira todos os ativistas sociais. Pessoalmente, para mim, tanto faz, a esquerda, em certa medida, tem um discurso de igualdade que não se vê normalmente na direita. A direita tem um discurso de visão, de manutenção. Desse modo, eu acredito que a imprensa não contribui para o esclarecimento (escurecimento) das coisas. Poderíamos fazer isso de uma forma melhor, fazer de maneira constante e não sempre um factóide. O papel da imprensa é a informação. Para conseguir mudar esse quadro, a imprensa tem que vir. Nós, ativistas sociais, estamos fazendo. No Das Pretas.org, nós nunca fizemos uma manifestação na rua, mas estamos fazendo ativismo social. Todos os dias, 365 dias por ano. Eu não vou ligar para jornalista todo dia, para vir conhecer a construção de um projeto. Essa iniciativa precisa partir do lado da imprensa também.

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

Eu não vejo com bons olhos as vinculações políticas e ideológicas da imprensa no Brasil. Vejo que o país está passando por uma crise política, o descobrimento de uma corrupção nata, de nascença na construção do país, e o jornalismo das grandes massas, dos veículos de comunicação tradicional, não está preocupado em informar. O jornalismo está interessado em orientar, em legitimar uma ideia. São corruptos também. Certamente essa abordagem que tem sido feita afeta os movimentos sociais. Se você vai para a rua e só é mostrado o vandalismo, quem mais vai para a rua? É o que está acontecendo, as pessoas não querem mais ir para a rua protestar. E há também a questão: de que adianta protestar diante do que está acontecendo? Vamos para a rua, mas qual a consequência disso? Nós fomos para a rua em 2013, 2014, 2015, e, daquilo que pedimos, o que foi feito? A imprensa não fala. Acredito que seja muito complicada essa relação da imprensa com os movimentos sociais. O pior disso tudo é que, às vezes você generaliza ao falar dos jornalistas, mas aquele profissional que está com um microfone, fazendo uma pergunta escrota, faz a pedido do chefe da redação, que diz para ele que não interessa a parte boa, interessa apenas no vandalismo. Reportar o cara gritando, sendo preso.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

Acredito que existe uma diferença na cobertura dos movimentos sociais mundo afora. Observo isso pelo esclarecimento das pessoas, embora também acredite que movimento social é movimento social no mundo todo. Você sempre vai ter uma massa superior que vai se sentir incomodada pelo ativismo, que normalmente luta pela inclusão, pela igualdade, pela equidade. Acredito que esse conflito de interesses sempre vai existir. Sobre a diferença de coberturas, vi nas manifestações de 2014, cuja pauta era a Copa do Mundo no Brasil, que as coberturas foram muito diferentes. Eu peguei pelo menos dois jornais de fora dizendo que os brasileiros estavam lutando em busca de melhorias e enumeravam diversos pontos trazidos pelos manifestantes. Enquanto isso, a imprensa brasileira relatava as portas de vidro quebradas e só focava nisso. Acredito que isso seja desinteresse pela pauta do movimento, parece-me muito mais fácil distorcer para os interesses do jornal do que dizer realmente o que aconteceu. Sabemos que cada jornal tem seu posicionamento, é vinculado a um partido, tem que defender os interesses dos anunciantes. E é por isso que a abordagem dos movimentos sociais ocorre dessa forma.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

A imprensa é importante para a realização dos nossos trabalhos, para divulgar o que temos feito, para conscientizar as pessoas, para divulgar os nossos discursos e fazer com que eles cheguem aonde têm que chegar. Temos sorte que muitos jornalistas conscientes chegam até nós e fazem esse trabalho. Eu acredito que a alternativa aqui é criar novas metodologias, principalmente porque o ativismo social não trabalha com grandes quantias de dinheiro. Então, temos que usar a criatividade a nosso favor. E isso é sensacional. Criar meios de comunicação nossos com a sociedade é um caminho. Temos vários sites elaborados por ativistas para que sejam um veículo direto com a sociedade, tais como a Mídia Ninja, o Mundo Negro, entre outros.

O Espírito Santo é um estado com os maiores índices de violência contra mulheres e negros. Como você avalia a cobertura da imprensa nesses casos?

Não tem cobertura. O jovem preto é bandido e ponto. Nunca vi uma reportagem discutindo os altos índices de violência contra a juventude negra ou os índices de mortalidade contra a mulher negra. A imprensa não está interessada nos porquês. As histórias são sempre repetidas: “mulher

morreu assassinada pelo marido, foi duas vezes à delegacia, mas acabou sendo morta”. Mas na notícia não está escrito que é uma mulher preta, que foi à delegacia, mas foi mal atendida pelo delegado e que o delegado a mandou voltar para a casa para ter certeza. As notícias não trazem os porquês, não falam das histórias. Então, para mim, não tem reportagem profunda. Tem só notícia.

Considerações finais

Sabe o que eu acho maravilhoso? A caminhada autônoma e independente dos movimentos sociais da forma como está acontecendo. Acontece aqui no Das Pretas, estou vendo acontecer no Espírito Santo com outros movimentos e no país todo. A internet fez de nós jornalistas livres, e isso só mostra que é preciso atualizar o software do diálogo do jornalismo. Já nas escolas, já na academia. Um diálogo moderno é necessário, professores modernos são necessários. Nós acompanhamos casos inimagináveis de professores tendenciosos, racistas, machistas, misóginos. Então eu acho que o caminho é esse e quem não atualizar o software vai sair do mercado. Enquanto isso, nós vamos continuar fazendo o nosso trabalho com excelência, com competência e de maneira ilibada.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

